

REPENSANDO O FANATISMO RELIGIOSO: REPRESENTAÇÕES, CONCEITOS E PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

Eliane Moura da Silva

Dept^o de História do IFCH da UNICAMP

1. FANATISMO E FANÁTICOS - UMA QUESTÃO DE PALAVRAS?

Quando procuramos no dicionário o significado da palavra “fanático” encontramos como definição “aquele que se considera inspirado por uma divindade; que tem zelo religioso cego, excessivo, intolerante; que adere cegamente a uma doutrina, a um partido; que é partidário exaltado, faccioso; que tem dedicação, admiração ou amor exaltado a alguém ou algo; entusiasmado, apaixonado”.¹ O Dicionário Houaiss registra que a palavra fanatismo foi utilizada, em português, em 1752 e fanático em 1796. Já “fanatismo” seria a qualidade, o caráter, o espírito ou o procedimento do fanático. Podemos saber também

¹ In *Dicionário Aurélio*.

que “fanatismo” com este sentido de inspirado por uma divindade, de exaltado e entusiasmado apareceu por volta de 1769 e “fanatizar” na segunda metade do século XIX.² Na Free Encyclopedia WIKIPEDIA, “fanaticism” aparece como palavra derivada do francês *fanatique* ou do latim *fanaticus* que significaria servidor de um templo, inspirado por Deus, e sendo definida como o caráter, conduta ou espírito de uma pessoa

*“filled with excessive, uncritical zeal, particularly for an extreme religious or political cause, or with an obsessive enthusiasm for a past time or hobby”.*³

Assim, os termos “fanáticos” e “fanatismo” envolvem um conceito que foi aplicado dentro da tradição do pensamento iluminista ocidental a partir do século XVIII, conectando-se com crenças religiosas e políticas. Como vários conceitos utilizados contemporaneamente, possui diferentes representações e sentidos para diferentes pessoas e culturas em períodos e locais variados. Pode adquirir características positivas indicando uma adesão incondicional e imutável a uma crença ou causa ou, na maioria das vezes, é associado de forma negativa a comportamentos irracionais, violentos, a-críticos, excessivos e, até mesmo, comparado a determinadas patologias mentais das “Idéias Supervalorizadas”, no limite da normalidade psíquica.

Mas, foi no século XVIII, durante o Iluminismo, que o conceito ganhou contornos. Vindo do termo latino *fanum* (templo, em Latim)

² In *Dicionário Histórico-Etimológico*. Nova Fronteira, p.348.

³ In <http://en.wikipedia.org/wiki/Fanaticism>.

passou a designar, então, uma atitude religiosa. Voltaire (1694 -1773) denunciou esta atitude como

*“enfant dénaturé de la religion”; “l’effet d’une fausse conscience qui asservit la religion aux caprices de l’imagination et aux dérèglements des passions”; “une folie religieuse, sombre et cruelle. C’est une maladie de l’esprit qui se gagne comme la petite vérole”.*⁴

Ele conferiu ao fanatismo uma noção de excesso, de exagero e o fanático seria aquele que estaria animado por um zelo excessivo pela religião. Todos estes termos estão, pois, marcados por uma história e pensamento filosófico e sua transposição histórica dentro da esfera de outras religiões, culturas e períodos temporais deve ser pensado crítica e metodologicamente.

2. A POLÊMICA CONCEITUAL

Fanatismo e fanáticos são conceitos polêmicos. Nasceram de confrontos que construíram nosso mundo contemporâneo e devem ser analisados com prudência. Como são utilizados, freqüentemente, de forma pejorativa e explicativa de excessos, de atos irracionais, radicais e violentos, de paixão religiosa, podem (e são) ser fonte de estigmatização e incompreensão. Vejamos um exemplo: quando um militante

⁴ In *Oeuvres Complètes de Voltaire – Dictionnaire Philosophique*. “Fanatisme – Section I”.

irlandês explode um *pub* em Londres como protesto, a mídia ocidental se refere ao fato como um atentado terrorista perpetrado por um radical político; um ato similar praticado por um muçulmano xiita provavelmente será citado como um ato terrorista praticado por um fanático religioso. Desta forma, o pensamento crítico que avalia estes atos extremados deve sempre ser reflexivo e questionador sobre os sentidos atribuídos às práticas seja pela mídia como também pelos próprios sujeitos envolvidos como observadores, agentes ou vítimas.

Expressões como fanatismo, fanáticos pressupõem um modelo de equilíbrio, uma utopia de uma sociedade boa e justa, imune aos atos derivados do fanatismo. Seria este modelo, a nossa projeção de uma sociedade liberal, democrática e aberta?

Algumas perguntas devem ser feitas para avaliarmos as repercussões que o tema do fanatismo religioso alcançou na atualidade, principalmente, após os acontecimentos do 11 de setembro. É o fanatismo religioso que gera os atos terroristas? É a religião a causa dos conflitos ou um slogan que esconde motivações de poder, geopolíticas, de nacionalismos? Quando analisamos alguns episódios recentes, anteriores ao atentado às torres gêmeas de Nova York tais como a explosão do prédio público federal em Oklahoma City pelo cristão Timothy Veigh, os assassinatos em massa de muçulmanos pelos grupos hindus na Índia, o assassinato de Primeiro Ministro Rabin em Israel, de Gandhi na Índia e de Martin Luther King em Nashville, podemos perceber que os chamados fanatismos são abordados como grande fonte de ansiedade.

A tortura e assassinato de um jovem homossexual no Wyoming, os atentados às clínicas de aborto legal, a queima de igrejas de negros, de sinagogas, de mesquitas, são sempre associados como movimentos e crenças de fanáticos religiosos. Religião tem sido responsabilizada tanto por alguns dos mais sublimes ensinamentos religiosos como por atos terríveis contra os homens. Mas, qual seu papel nestas ações e comportamentos que definimos, às vezes de maneira bastante genérica e apressada, como fanáticos?

George Orwell (1903-1950) em sua “**Notes on Nationalism**” observou que podemos identificar na consciência do homem contemporâneo, a existência de um fenômeno que consiste em crenças fanáticas, um conjunto de idéias e valores sustentado pela recusa categórica em admitir a existência de outros valores e idéias que sejam igualmente válidos e verdadeiros.⁵ Uma crença fervorosa numa idéia abstrata e distante, seja ela religiosa ou política, seria acompanhada por uma descrença na realidade, na formulação de sistemas de pensamento que excluem outros sistemas ou possibilidades de reflexão crítica ou aceitação de evidência empírica. Desta forma seletiva e arbitrária, funcionaria a memória histórica de fanáticos, nacionalistas, de conservadores e radicais, através da supressão, mais ou menos consciente, de sensibilidades morais e intelectuais.

Orwell sugeriu que a incerteza generalizada e o fracasso em se compreender o que está acontecendo no mundo, seria um grande con-

⁵ Orwell, George. *Decline of the English Murder and Other Essays*. Harmondsworth, Penguin Books, 1970.

vite para indivíduos assustados e frustrados se agarrarem a crenças radicais e disparatadas do senso comum. Assim, a modernidade é pensada como tendo destruído velhas certezas (religiosas, morais, políticas, etc.) sem ter fornecido padrões eficientes de identidades funcionais. Viver sem padrões identitários bem definidos, sem ajuda de fontes evidentes de confiança advindas de uma tradição cultural sólida, duradoura e imune às mudanças, parece terrivelmente difícil.

Este seria o substrato que explicaria a necessidade desesperada por crenças, teorias e práticas que prometem combater incertezas e ressuscitar valores e símbolos negligenciados e esquecidos. A imagem de um inimigo restauraria a fé daqueles que se sentem inseguros diante de um futuro incerto. Combater a causa dos justos e virtuosos contra os pérfidos e degenerados seria uma forma eficiente de materializar um inimigo. Este inimigo catalizaria, representaria, todas as incertezas, tudo o que odiamos em nós mesmos, todos os mecanismos de ódio e menosprezo naquilo que é, simultaneamente, familiar e incompreensível na alteridade. Quando a demanda por inimigos encontra um grupo alvo que pode ser considerado uma ameaça para o corpo social, teríamos a necessidade premente de uma teoria da conspiração e padrões de fé ideológica, de ressentimento e ódio permutáveis resultando em violência, imaginação perturbada e auto engano.

Atendendo a demanda intelectual que definições teóricas como a de Orwell colocam, cabe focalizar a análise no fanatismo religioso contemporâneo, mais precisamente, nos séculos XX e XXI. Devemos ter clareza também que, sobre este assunto, nunca estamos isentos de

nossas experiências prévias, daquilo que concebemos como o certo ou errado que refletem idéias pré-concebidas, inclusive religiosas.

3. COMPORTAMENTOS E AÇÕES

Palavras como “fanatismo”, “extremismo”, “radicalismo”, “ultra-ortodoxia”, “fundamentalismo”, “integrista”, quando aplicadas aos movimentos religiosos atuais, apresentam um léxico impreciso e discutível. Flutuam num universo complexo e móvel onde se cruzam a história e o presente, o próximo e o longínquo, o espiritual e o temporal, o religioso e o político, o secular e o irracional. O risco que incorremos é o de faltar com a fidelidade e a interpretação adequadas, deformando convicções e ferindo sensibilidades.

Como comportamento individual ou coletivo, definir fanatismo significa falar de ações, atitudes, crenças que, mesmo dentro de um sistema compartilhado, alguns se tornam mais radicais e extremados do que outros. Vejamos, por exemplo, o caso do cisma na Igreja Católica provocado, em 1988, pelo Monsenhor Marcel Lefebvre, arcebispo francês que se tornou encarniçado opositor das renovações teológicas, exegéticas, catequéticas e sociais propostas no Concílio Vaticano II (1962-1965). Com zelo extremado, Mons. Lefebvre tornou-se radical opositor do direito de liberdade religiosa, de livre escolha de religião que derivava das propostas ecumênicas do Concílio. Para a maioria dos católicos que aceitaram as mudanças propostas pelo Concílio Va-

ticano II, o comportamento do Cardeal e seus seguidores poderia ser definido como radical. Da mesma forma, certas práticas de automutilação, flagelação, auto-punição que caracterizam grupos e movimentos dentro de algumas religiões instituídas também causam a sensação de um desvio a uma norma oficial de comportamento aceito socialmente e pelos padrões culturais de uma dada cultura. Ir à missa diariamente não caracteriza um comportamento fanático mas ir à missa quatro, cinco, seis vezes ao dia, por exemplo, pode ser visto pelos próprios católicos como um pouco exagerado, um fanatismo.

As palavras fanatismo e fanáticos são utilizadas, frequentemente, pela mídia de forma preconceituosa e matizada, atendendo interesses muito específicos. Da maneira como são apresentadas ao senso comum, acabam não esclarecendo devidamente o que representam. Assim, desejos variados, conflitos étnicos e de poder, reivindicações políticas, frustrações sociais e culturais aparecem como fenômenos exclusivamente religiosos ou espirituais. Definir fanatismo passa, portanto, pela identificação daqueles comportamentos, atitudes, crenças, coletivas e individuais que, em determinado momento ou grupo, passam a ser definidos como radicais, extremados, causando desconforto e preocupação quanto a integridade física e psicológica da sociedade, dos crentes e seguidores de determinados movimentos religiosos.

O caso de Canudos e de Antonio Conselheiro na História do Brasil é outro exemplo sobre a necessidade de crítica e reflexão no que se refere às interpretações definindo grupos, indivíduos ou movimentos como fanáticos ou fanatismos. Ao escrever *Os Sertões – Campa-*

nha de Canudos (1902), Euclides da Cunha (1866-1909), refere-se à fé religiosa dos santos milagreiros, das cruzes alçadas, dos andores erguidos, das orações e ladainhas tristes, como o campo das superstições e de um misticismo extravagante que arrebatam a mentalidade primitiva do nordestismo premido pelo meio-ambiente, pela seca e fatalismo. Fazendo coro aos que denunciavam Antonio Conselheiro e seus seguidores, os padres e bispos da região afirmavam que

*“Antonio Conselheiro (...) é acompanhado por centenas e centenas de pessoas, que ouvem-no e cumprem suas ordens de preferência às do vigário da paróquia. O fanatismo não tem mais limites e assim é que é, sem medo de erro, e firmado em fatos, posso afirmar que adoram-no, como se fosse um Deus vivo”.*⁶

A Guerra de Canudos seria a síntese de vários fatores geográficos, sociais, raciais, históricos do Nordeste brasileiro, com a forte marca do fanatismo religioso messiânico e violento.

Contudo, alguns anos depois, vários estudos recolocaram a questão de Canudos sob novas perspectivas de interpretação. O “mal social gravíssimo”, “o fanatismo dos seguidores de Conselheiro”, as teorias racistas sobre o caráter do sertanejo descrito como um “herói monstruoso”, foram revistas por intelectuais, historiadores, antropólogos e artistas. Surgiram estudos com outros olhares, sobretudo sob influência marxista e Canudos foi reconstruído com estribilhos revolu-

⁶ Cunha, Euclides. *Os Sertões - Campanha de Canudos*. RJ, Livraria Francisco Alves Ed; Publifolha, 2000, p. 146). Importante para o desenvolvimento desta questão foram os comentários em Guia de Leitura do Prof. Roberto Ventura, pp.527-533.

cionários, como celebração da reforma agrária, da redenção política. Os indivíduos que participaram do movimentos, antes descritos como fanáticos pela Igreja e poderes constituídos, começaram a virar sujeitos com sentimentos, falas, hábitos, valores e comportamentos. Estes estudos valorizaram a luta de Canudos como resistência dos pobres e oprimidos, que só poderiam ser compreendidos dentro da cultura popular e regional nordestina. Surgiram análises políticas sobre a religiosidade popular. O cineasta Glauber Rocha colocou as profecias apocalípticas de Conselheiro no personagem de seu filme **Deus e o Diabo na Terra do Sol** (1963), o beato Sebastião, transformando a questão religiosa sob um outro do ponto de vista: o misticismo a serviço da revolução e dos oprimidos, a voz dos que não tem voz e se expressam de maneiras diferentes. O exemplo de Canudos, das construções e desconstruções de um fenômeno religioso devem servir de alerta para que evitemos afirmações simplistas ou simplificadores sobre fenômenos complexos e de difícil avaliação.

É neste variado substrato religioso, nesta série de sistemas de pensamento e conjunto de atitudes, que vamos encontrar o maior número de grupos e pessoas cujas ações são definidas como fanatismos religiosos nos séculos XX e XXI. Apesar de pouco numerosos, ocupam as manchetes de jornais e da televisão, causam controvérsia e desconforto por agirem de maneira tal que outros crentes religiosos e os secularistas consideram provocativas, irracionais, violentas e dramáticas. Excitam preconceitos ao proclamar-se portadores da verdade divina, adotando atitudes de intolerância cega, sem crítica diante de verdades

que consideram únicas e imutáveis através dos tempos. Embora o número de religiosos conservadores, moderados e liberais que praticam suas religiões sem desenvolver hostilidades ou comportamentos extremados seja infinitamente superior, os que são descritos como fanáticos ganham maior projeção pelo desconforto que suscitam.

Estes sentimentos ficam ainda mais exacerbados quando grupos praticam atos violentos e defendem suas ações em nome da fé e de suas crenças, que não separam de objetivos políticos, nacionalistas e, algumas vezes, étnicos. Religião pode servir para milhões de indivíduos que estão enraivecidos, frustrados, humilhados pelas circunstâncias. Embora vivendo em países com riquezas imensas e essenciais para o mundo capitalista (como o petróleo), um grande número da população não consegue obter remédios para suas crianças.

Outros grupos ganham notoriedade na discussão do fanatismo religioso, apesar de pequenos e não-representativos, pela forma como acabam conduzindo seus adeptos para a morte. Destaquemos alguns episódios recentes que tiveram grande repercussão nos noticiários: o suicídio coletivo que exterminou os seguidores do Reverendo Jim Jones na Guiana (1978); o episódio que culminou na morte de cerca de 80 homens, mulheres e crianças do Branch Davidians sob a liderança religiosa de David Koresh em Waco, Texas (1973); a morte dos membros da Ordem do Templo Solar (1994, 1997 e 1997); o ataque com gás sarin no metrô de Tóquio pelos do grupo de Aum Shiriko (1995); a decisão dos membros da Heaven's Gate, na Califórnia, de suicidarse para abandonar seus corpos terrenos e encontrar a salvação num

disco voador que estaria localizado na calda do cometa Halle-Bopp (1995). Grandes controvérsias cercam estes episódios dramáticos e fatais. Em particular, debate-se o perigo que as pessoas, em geral, e os jovens, em particular, correm ao serem alvos de manipulações e explorações por parte de líderes carismáticos e fanáticos.

Certos extremismo religiosos são apresentados diariamente como ações de fanáticos religiosos prontos ao sacrifício de suas vidas em atos terroristas em nome da fé. Assim foram descritos os autores dos atentados à torres gêmeas, os homens-bombas que amedrontam a Europa, o Oriente Médio e, e porque não dizer, também os EUA. Dispostos a morrer em nome de uma versão fundamentalista e integrista da religião muçulmana, dos seguidores de Bin Laden, do grupo palestino Hamas, entre tantos outros, eles nos falam tanto de religião como de petróleo, de nacionalismo, de luta por terras e poder político, da tensão entre um ocidente que, historicamente, é laico e vê religião como uma questão pessoal e uma outra sociedade oriental que não fez esta separação nos mesmos moldes. O fim do colonialismo e do imperialismo, no final de século XIX e durante o XX, não significou uma homogeneidade cultural, política e social entre estes dois mundos.

Não existem respostas prontas para este tema tão complexo. O problema do fanatismo religioso deve ser estudado incorporando psicologia, estudos históricos, ciências sociais e políticas, com métodos e abordagem multidisciplinares, além de amplos questionamentos.

Estamos diante de um grupo que utiliza a religião como um refração, um bordão justificando ações radicais e violentas? Os sujeitos

que praticam tais atos estão sob a ação de uma influência carismática, foram submetidos a algum tipo de coação ou, simplesmente, encontraram nos argumentos religiosos um apoio e justificativa para suas frustrações, insatisfações, ódios tanto individuais como coletivos? Como a mídia apresenta tais grupos e eventos, em função do contexto cultural e interesses muito particulares? Como entender a relação entre religião e política em outras sociedades e culturas que não as sociedades democráticas e liberais do ocidente? Estas são algumas das perguntas que devem ser feitas antes de aplicarmos rótulos ou cristalizarmos medos e ansiedades em torno de grupos e alteridades.

Diante de movimentos religiosos e expectativas espirituais, o melhor caminho é do conhecimento que conduza ao debate sobre a função dos valores culturais, religiosos, crenças, mitos, ética e diversidade religiosa como parte da cultura. Trata-se de pensar em função dos valores humanistas embora reconhecendo que numa sociedade pluralista e divergente como a atual, tais posicionamentos podem apresentar problemas sobre o que é uma vida com sentido, sobre ética e moral.

Mas, este debate não significa uma posição de indiferença ou de absoluto relativismo diante de ações, crenças, teologias ou interpretações que violam o direito à vida. Os limites de aceitação das divergências ocasionadas por profundas diferenças culturais, históricas e sociais, esbarram sempre no limite da vida humana e no limite do direito de escolha do outro. O valor da vida é um direito fundamental que nenhum discurso ou prática podem negar. A cada momento somos testa-

dos na interação com os outros, pressionados pelas diferenças, preconceitos, inveja e rancor, reagindo de forma emocional diante dos desafios da vida. Como, então, rotular através de conceitos móveis e historicamente determinados, os fanáticos e o fanatismo?

4. UMA SOLUÇÃO? A QUESTÃO DA TOLERÂNCIA

A palavra **tolerância** (1644) [Do lat. *tolerantia*.] significa a qualidade de ser tolerante, o ato ou efeito de tolerar, a tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos. Não é a indiferença em relação a coisas pouco importantes e nem uma celebração das diferenças. Envolve uma decisão de evitar coerção e não simples resignação diante do intolerável ou desagradável. Tolerar ações de outras pessoas pode ser compatível com tentativas de mudar as formas de pensamento alheias utilizando argumentos racionais ou apelos emocionais. Um médico que necessite convencer uma família que se recusa, por motivos de crença religiosa, a adotar uma determinada prática terapêutica em uma criança gravemente doente, lançará mão de vários argumentos racionais ou emocionais para alcançar seu objetivo de salvar uma vida.⁷

⁷ In Silva, Eliane Moura & Karnal, Leandro. *O Ensino Religioso no Estado de São Paulo* – Volume 4. SP, CENP/SEE-SP, 2003, pp. 19-44.

A tolerância religiosa não deve ser confundida com secularização ou diminuição de valores religiosos. É diferente de ecumenismo religioso. O ecumenismo procura chegar a um consenso em assuntos religiosos ou perceber nas religiões apenas caminhos diferentes em busca de um mesmo objetivo. Podemos ter religião como algo extremamente sério, acreditar piamente que estamos certos e os outros “redondamente” enganados no que se refere às crenças, teologia e doutrinas e, ainda assim, tolerar a “permanência no erro”.

A tolerância não é uma tradição de todos os momentos e de todas as religiões. Há momentos de particular intolerância, por exemplo, o século XVII na Europa. A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), travada em nome de divergência religiosas, ensanguentava a Alemanha. Mulheres acusadas de serem bruxas eram queimadas em terras protestantes e católicas. Reis tentavam impor a toda a população sua concepção religiosa e encarceravam ou matavam dissidentes. Na ultracalvinista Salem no Novo Mundo ou na ultracatólica Roma no Velho Mundo, pessoas eram assassinadas por não concordarem com princípios religiosos.

Em pleno contexto de conflito religioso, em 1689, o inglês *John Locke* (1632-1704) escreveu um artigo intitulado *Letter Concerning Toleration* (*Carta sobre a Tolerância*). Depois de um século de sangrentas lutas políticas e religiosas, conflitos entre a Igreja Anglicana oficial e dissidentes religiosos, a tentativa de retomada do trono inglês por monarcas católicos, *Locke* argumentou que, por tudo que se conhece da história e da natureza humana, só a tolerância permitiria a paz civil e social:

*“Não é a diversidade de opiniões (o que não pode ser evitado) mas a recusa de tolerância para com os que têm opinião diversa, o que se poderia admitir, que deu origem à maioria das disputas e guerras que se têm manifestado no mundo cristão por causa da religião.”*⁸.

Este apelo à prudência foi extremamente eficaz, sobretudo numa época de grande exaustão diante de tantos conflitos, terror e perseguições religiosas na Europa. *Locke* também dedicou grande parte deste texto a um ponto central, defendendo que a religião verdadeira, interior quer um convencimento pessoal da mente de cada indivíduo. Desta forma, punições, penalidades, conversões forçadas ou irracionais, seriam imprudentes e contraditórias com o próprio Evangelho cristão:

*“A tolerância para os defensores de opiniões opostas acerca de temas religiosos está tão de acordo com os Evangelhos e com a Razão que parece monstruoso que os homens sejam cegos diante de uma luz tão clara. (...); numa palavra, ninguém pode impor-se a si mesmo ou aos outros, quer como obediente súdito de seu príncipe, quer como sincero venerador de Deus: considero isto necessário sobretudo para distinguir entre as funções do governo civil e da religião, e para demarcar as verdadeiras fronteiras entre a Igreja e a comunidade.”*⁹

Algumas premissas básicas deste argumento passam pela noção de que crença religiosa é uma questão pessoal, de decisão mental ou

⁸ Locke, J. “Carta Acerca da Tolerância”. In *Coleção Os Pensadores*, Abril Cultural, São Paulo, 1973, p. 27.

⁹ *Op. Cit.* pp. 4-5.

espiritual interna. Evidentemente que este argumento embora seja uma maneira de ver as religiões de forma não compulsória e incentive a liberdade interior, acaba não eliminando certas formas não coercitivas de discriminação religiosa. A única forma realmente efetiva de evitar a coerção e a discriminação é a total separação de igreja e estado.

Em muitos sentidos, os séculos XVII e XVIII, convivendo com o fenômeno do Absolutismo, trataram a tolerância como uma separação da Igreja e do Estado ou como uma questão política. Com o avançar do Liberalismo e do século XIX, a questão começa a ser tratada com ênfase no indivíduo e na liberdade pessoal.

O argumento da auto-proteção contudo não é suficiente (a Inquição utilizar argumentos de auto-defesa da sociedade cristã!). O pensamento liberal acrescentou a distinção entre condutas que afetam única e exclusivamente o próprio indivíduo daquelas que influem e afetam a coletividade, transferindo decisões de caráter religioso para a esfera do privado e desenvolvendo um forte individualismo.

Combinando esta compreensão da relação entre social e individual com o respeito à consciência e autonomia individual, teremos o pensamento liberal de total tolerância das práticas religiosas, uma controlada mas pacífica, convivência de diferentes religiões em um estado neutro e laico.

Todos os argumentos sobre a tolerância religiosa podem ser distribuídos ao longo de um grande espectro que vai do puro pragmatismo aos princípios morais e éticos. Podem variar da necessidade de proteção de interesses muito específicos de cada pequeno grupo até a

análise mais elaborada das verdades religiosas, das questões de obrigação moral. Mas é a questão da diversidade, da pluralidade que fará a grande diferença.

O poder da luta contra a violência, o terrorismo, o extremismo, a exploração, da intolerância diante do diferente, passa, neste momento, pelas perguntas bem colocadas ao invés de respostas prontas, pela consciência crítica e atitude intelectual poderosa de conhecer, avaliar, entender e contextualizar antes de efetuar os julgamentos adequados.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”
Caixa Postal 6.110
13083-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: 0XX (19) 3788.1604 / 3788.1603
Telefax 0XX (19) 3788.1589
<http://www.ifch.unicamp.br/pub>
morewa@unicamp.br

NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____
We have received: _____

FALTA-NOS: _____
We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____
We are sending in exchange: _____

DATA: _____
Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**
Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.